



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSILÉIA MARQUES DA SILVA

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM O USO DA CHARGE: UMA
IMPORTANTE FERRAMENTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM**

**GUARABIRA – PB
2016**

ROSILÉIA MARQUES DA SILVA

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM O USO DA CHARGE: UMA
IMPORTANTE FERRAMENTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura Plena em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba
Campus III, em cumprimento as exigências
necessárias para a obtenção do grau de licenciada,
sob a orientação da professora mestra Clara
Mayara de Almeida Vasconcelos.

**GUARABIRA-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Rosiléia Marques da
O ensino de Língua Inglesa com o uso da Charge:
[manuscrito] : uma importante ferramenta no ensino-
aprendizagem. / Rosiléia Marques da Silva. - 2016.
51 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida
Vasconcelos, Letras".

1. Gênero discursivo. 2. Charge. 3. Tradução. 4. Ensino-
aprendizagem. 5. Letramento crítico. I. Título.

21. ed. CDD 372.65

ROSILÉIA MARQUES DA SILVA

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM O USO DA CHARGE; UMA
IMPORTANTE FERRAMENTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura Plena em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba
Campus III, em cumprimento as exigências
necessárias para a obtenção do grau de licenciada,
sob a orientação da professora mestra Clara
Mayara de Almeida Vasconcelos.

Monografia aprovada em: 20/10/2016.

Banca Examinadora

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Profa Mestre Clara Mayara de Almeida Vasconcelos - Orientadora - UEPB

Sousa
Profa Dra Francinete Fernandes de Sousa - Examinadora - UEPB

João Irineu de França Neto
Prof. Doutor João Irineu de F. Neto - Examinador - UEPB

GUARABIRA-PB
2016

Dedico esse trabalho aos meus pais, *Omero Faustino da Silva* e *Agda Maria da Conceição*.

Ao meu filho Miguel Marques Sarmiento, e a minha orientadora *Clara Mayara de Almeida Vasconcelos*. Pessoas que contribuíram de forma positiva em minha vida acadêmica e têm fundamental importância na minha vida, sendo muitas vezes um porto seguro e, sempre grandes amigos.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, força maior que impulsiona todos os seres. O “Pai” que todos os dias mostra-me o quanto me ama e quanto sou preciosa aos seus olhos, me dando força para persistir em meio a tantas adversidades para que nunca desista do que ele escolheu para mim;

Aos *meus pais*, verdadeiros guerreiros que me ensinaram o valor que tem uma família e o quanto a dignidade de um homem o edifica. Amarei vocês eternamente;

Ao meu filho *Miguel Marques Sarmiento*, força motriz que me mantém firme, que me faz a cada dia querer ser algo melhor; tudo por ele e para ele, esse lindo ser, presente de Deus. Meu pequeno espero que além de ser sua mãe, possa também me tornar referência na sua vida;

A minha orientadora mestra *Clara Mayara de Almeida Vasconcelos*, “menina-mulher” que mesmo sendo tão ocupada e cheia de responsabilidades, não mediu esforços para me orientar na realização desse trabalho, contribuindo significativamente com seus conhecimentos, paciência, compreensão e amizade. A você linda flor, volto a repetir: *quando “crescer quero ser igualzinha a você”!*;

Aos meus irmãos: *Ivanildo Alves da Silva*, que desde a infância tenho como referência um homem guerreiro, vencedor e exemplo a ser seguido dentro da minha casa. Aos demais: *Itanildo Alves da Silva, Maria José da Silva, Maria Daguia, Rozilda Maria da Silva e Terezinha Maria da Silva*, que de forma direta, contribuíram com a realização desse trabalho, quando incontáveis vezes cuidaram do meu filho, dedicando tempo, paciência e muito amor para com ele. Em todos os momentos difíceis da minha vida, vocês além de irmãos, são amigos, orientadores e porto seguro na minha vida;

Ao primo e amigo *José Belarmino*, que de alguma forma, tem colaborado para que esse trabalho fosse concluído. Percebo o quanto minha vitória é importante para você, torcendo sempre para que no final, tudo ocorra bem;

Aos colegas de curso: *Amélia, Anilda, Grace, Marlisom, Valdinele e Herbet*, que em diversos momentos, colaboraram para minha formação acadêmica, principalmente nos dois últimos semestres do curso, quando precisei me ausentar

para ter meu filho, eles me representaram em sala de aula. Através da ajuda de todos e de alguns professores, consegui transpor os obstáculos;

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica. Em especial, à *Monaliza Rios, Marta Furtado, Eveline Alvarez, Senízia Cordeiro, Fábio Vieira, Luana Lima, Verônica Lima, Wallene Cavalcante, Leonidas e Luiz Henrique;*

Aos professores examinadores da Banca Examinadora, Dra Francinete Fernandes de Sousa e Doutor João Irineu de F. Neto pela contribuição neste momento tão importante da minha vida;

As amigas: *Cássia Souza, Maria da Luz e Maria Gorete* que foram e são de fundamental importância na minha vida;

A todos os colaboradores da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, em especial a pessoa de *Euda*. A vocês, meu muito obrigado!

“A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Galeno

RESUMO

No contexto social em que estamos inseridos, era pós-moderna, digital ou tecnológica, a língua vem sofrendo constantes transformações para acompanhar o desenvolvimento da sociedade tendo disponível diversos tipos de enunciados verbais e não verbais, sendo utilizados em diversos tipos de textos. O presente trabalho apresentará algumas reflexões sobre o ensino do gênero discursivo charge em aula de língua inglesa com auxílio da tradução, trazendo uma reflexão sobre o quanto esse gênero discursivo tem importância no ensino aprendizagem e na formação intelectual do homem. Pretende-se dinamizar o processo de ensino-aprendizagem por intermédio da tradução inter-lingual e da tradução inter-semiótica dos conceitos de Roman Jakobson, fazendo análises de charges que fazem alusão ao cenário político atual do Brasil, reconhecendo em ambas as principais características dos textos escolhidos com vistas a alargar a capacidade de interpretação e compreensão desse tipo de texto na formação de nossos leitores. Focaliza, assim, a visão ultrapassada do ensino tradicional mostrando como deve ser pautado o ensino de língua inglesa com uso do gênero discursivo charge através do Letramento Crítico, do Ensino Comunicativo e, com o auxílio da tradução em sala de aula cruzando dados verbais e semióticos da língua. Esse trabalho não tem como objetivo fechar a reflexão de como devem ser as metodologias de ensino de língua estrangeira, mas abrir novas possibilidades de repensar o ensino de língua na sala de aula.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Charge. Tradução. Ensino-aprendizagem. Letramento crítico e ensino comunicativo.

ABSTRACT

In the social context in which we operate, the post-modern, digital or technology, the language has undergone constant changes to accompany the development of society has available various types of verbal and nonverbal statements and are used in various types of text. The present some to lead us to reflections on the gender education discursive charge in English class with translation assistance, bringing the reflection on how this discursive gender is important in teaching learning and intellectual formation of man. Intends to boost the teaching-learning through the inter-lingual translation and inter-semiotic translation of the concepts of Roman Jakobson, making cartoons analysis alluding to the current political scene in Brazil, recognizing in both the main features of selected texts with a view expand the capacity of interpretation and understanding of this type of text in the formation of our readers. We focus thus the outdated view of traditional teaching showing how it should be based English language teaching with use of discursive genre charge through the Literacy Critical, the Communicative Teaching and with the aid of translation in the classroom crossing verbal data and semiotic. That work of language is not intended to close reflection of how they should be the methods of foreign language teaching, but open up new possibilities to rethink the language of instruction in the classroom.

Key words: Gender discursive charge. Translation. Teaching and learning. Critical literacy and communicative teaching.

LISTA DE FIGURAS

Charge 1 – Enunciados verbais e não-verbais.....	37
Charge 2 – Enunciados verbais e não-verbais.....	39
Charge 3– Enunciados verbais e não-verbais.....	40
Charge 4 – Enunciados verbais e não-verbais.....	41
Charge 5– Enunciados verbais e não-verbais.....	42
Charge 6 – Enunciados não-verbais.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de Leitura.....	27
----------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – GÊNEROS DISCURSIVOS NO CONTEXTO DE ENSINO.....	14
1.1 A charge, conceito e características.....	19
CAPÍTULO II – O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM O AUXÍLIO DO LETRAMENTO CRÍTICO, ENSINO COMUNICATIVO E A TRADUÇÃO.....	23
2.1 Ensino de línguas e letramento crítico.....	23
2.2 O Ensino comunicativo.....	28
2.2.1 A aula comunicativa.....	30
2.2.2 O aprendiz comunicativo.....	31
2.2.3 O papel do educador.....	31
2.2.4 O ensino de língua inglesa através do ensino comunicativo.....	31
2.3 Breve introdução sobre a tradução.....	32
2.4 O ensino da língua inglesa com auxílio da tradução.....	33
CAPÍTULO III – CENÁRIO POLÍTICO ATUAL DO BRASIL EM ALUSÃO AO CARGO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.....	36
3.1 O impeachment de Dilma Russeff.....	36
3.2 Análise das Charges.....	37
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Todas as vezes que pesquisamos sobre gêneros discursivos, encontramos inúmeros trabalhos científicos elaborados fazendo alusão ao linguísta Mikhail Bakhtin (1895-1975). A partir de 1972 suas obras foram retomadas por pesquisadores no mundo inteiro, tornando-se assim uma referência para os estudos sobre linguagem e suas relações sócio-históricas e sócio-culturais.

Partindo de suas abordagens sobre os enunciados, esse trabalho monográfico trará reflexões sobre o uso dos gêneros discursivos no ensino-aprendizagem, dando uma ênfase maior a charge em aula de língua inglesa com o auxílio da tradução.

O trabalho com a língua estrangeira fundamenta-se na diversidade de gêneros textuais e busca alargar a compreensão dos diversos usos da linguagem, bem como a ativação de procedimentos interpretativos alternativos no processo de construção de significados possíveis pelo leitor (PARANÁ, 2008, p. 34).

A charge é um tipo de texto onde, um quadro semiótico é composto por enunciados verbais (texto) e não verbais (imagens), elaboradas polemizando assuntos sérios e atuais, esse gênero discursivo ao ser elaborado tem como finalidade transmitir uma mensagem, sempre criticando algum acontecimento ou alguma pessoa. O texto chargístico é um importante registro histórico que transmite várias informações de uma só vez.

Os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso. E ainda: "o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável (OLIVEIRA, 2001, p. 265).

Incorporando esse gênero discursivo em sala de aula, com o auxílio da tradução na aula de língua inglesa, o educador estará utilizando uma metodologia de ensino onde, o aprendiz terá contato com um texto pautado em situações cotidianas, ou seja, situações que ocorrem na realidade em que estará inserido, tendo assim o gênero discursivo charge uma importante relevância no ensino aprendizagem e na formação intelectual do leitor.

Para possibilitar a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros. (MARCUSCHI; XAVIER, 2008, p. 212).

O objetivo desse trabalho monográfico é trazer reflexões sobre o uso do gênero discursivo charge reforçando a sua importância ao se tratar de um tipo de texto que requer habilidades diferenciadas do leitor, além das habilidades de leitura e escrita na aula de língua inglesa, esses textos exigem do leitor conhecimento prévio de mundo, interpretação, tradução e veiculam uma crítica com finalidade de passar alguma mensagem para um público alvo específico.

Fazendo alusão a charge onde, se configura como uma importante ferramenta no ensino aprendizagem e na formação intelectual do homem escolhemos para análise desse trabalho monográfico textos sobre o cenário político atual do Brasil. Por se tratar de textos elaborados em situações reais e atuais, reforçaremos nesse trabalho a presença de características pertinentes a toda e qualquer charge e buscaremos encontrá-las nas análises dos textos escolhidos. É bom lembrar que, o texto chargístico nos permite mais de uma interpretação e por esse motivo, trata-se de um tipo de texto muito importante na mídia atual, pois está diretamente ligado a fatores sócio-culturais e sócio-históricos inseridos na atualidade e também pelo fato de serem tipos de enunciados que podem ser objeto de uma rica análise linguística. É nessa perspectiva metodológica que a tradução iter-lingual e tradução inter-semiótica atuarão como auxílio para o trabalho de charges em aula de língua inglesa.

Todas as considerações a cerca desse trabalho estão divididas em cinco capítulos que serão trabalhados da seguinte forma:

- *Capítulo 1: Gêneros discursivos no contexto de ensino.* Esse capítulo apresenta uma explanação sobre os gêneros discursivos utilizando as proposições do linguista Mikhail Bakhtin, seguindo um tópico que trará o gênero discursivo charge: A charge, conceitos e características;

- *Capítulo 2: O ensino de língua inglesa com o auxílio do letramento crítico, Ensino Comunicativo e a Tradução.* Nesse capítulo enfatizaremos sobre LC, o EC e a tradução voltados para o ensino de língua inglesa. Seguirão quatro tópicos onde, o segundo tópico encontra-se dividido em quatro subtópicos referentes a abordagem comunicativa no ensino de língua inglesa;

- Capítulo 3: *Cenário político atual do Brasil em alusão ao cargo da presidência da república*. Esse capítulo situa o leitor sobre o principal acontecimento político ocorrido no país na atualidade, o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Será feita a análise dos textos referentes a temática, seguido das considerações finais.

A cerca dos enunciados verbais e não verbais com uso do gênero discursivo charge serão tomadas como fundamentação teórica neste trabalho as proposições de Bakhtin (2000), Delors (1996), Freire (1990), Filho (2005) e Jakobson (2003).

Utilizar-se-á as proposições dos autores citados acima por serem eles referências nas pesquisas sobre os temas que serão abordados nesse trabalho, porém, com ênfase maior as proposições do linguista Mikhail Bakhtin por ser ele o responsável por desenvolver uma atenção maior aos estudos sobre os gêneros discursivos.

CAPÍTULO I

GÊNEROS DISCURSIVOS NO CONTEXTO DE ENSINO

O estudo dos gêneros discursivos começaram a ter uma atenção maior a partir do trabalho do linguista Mikhail Bakhtin (2000), sendo considerado como referência para as pesquisas que abordem sobre gêneros discursivos até a atualidade. Segundo ele, foram estudadas a literatura, os gêneros retóricos e os gêneros do discurso cotidiano, porém, nenhuma dessas áreas atribuía à importância da “natureza linguística do enunciado” (BAKHTIN, 2000, p.280).

Os gêneros literários eram estudados limitando-se a literatura e não como enunciados diferentes dos demais com os quais “têm em comum a natureza verbal” (linguística), os gêneros retóricos davam uma maior atenção a natureza verbal do enunciado e a sua construção: A relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, a conclusão verbal inerente ao enunciado (diferente da conclusão do pensamento), e os gêneros do discurso colocavam em evidência as especificidades do discurso cotidiano oral operando no mais das vezes com enunciados primitivos.

Encontramos em Bakhtin (2000) que as variadas esferas da atividade humana em suas mais diversas situações comunicativas fará uso da língua independente de qual seja suas necessidades específicas, realizando assim, enunciados linguísticos (orais e escritos) para suprir suas necessidades de expressarem-se, produzindo assim seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279). São esses tipos relativamente estáveis de enunciados que Bakhtin denomina gêneros discursivos.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2000, p.279).

Existem gênero discursivo, tipo textual e domínio discursivo. Ambos têm significados distintos, porém, são classificações referentes a textos. É necessária muita atenção com essas classificações, é preciso saber distingui-las:

a) Os gêneros discursivos referem-se à materialização dos textos em recorrentes situações comunicativas, caracterizando-se mais por sua funcionalidade

na ação de comunicar-se que por uma seqüência linguística. Marcuschi e Xavier (2008, p.30) observam: “Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”, o que implica dizer que, para Marcuschi e Xavier os gêneros são consequência do uso da língua dentro da história e da cultura em que o homem está inserido;

b) Os tipos textuais são caracterizados como sequências linguísticas. São formados por aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, abrangendo as categorias de narração, argumentação, descrição, exposição e injunção. Para ser classificado em alguma dessas categorias o texto possui características inerentes a elas.

O Domínio Discursivo não se limita a um único Gênero, possibilitando o surgimento de vários gêneros numa mesma prática comunicativa. De acordo com Marcuschi e Xavier (2008, p. 194):

Os domínios discursivos que, cada campo possui suas práticas de comunicação, esses modelos são os gêneros textuais e os campos sociais são os domínios, sendo assim, os gêneros estão contidos no domínio discursivo que, por sua vez se consolidam através de um contexto histórico-social e organizam práticas sociais comunicativas.

Entende-se, portanto, que: tipo textual, gênero discursivo e domínio discursivo se correlacionam no texto. A forma linguística que é o texto é denominada de tipo textual, O objetivo comunicativo que é atribuído ao texto é um gênero discursivo, que por sua vez atende as necessidades de uma esfera sócio-comunicativa denominada domínio discursivo.

No decorrer do desenvolvimento, a sociedade sofre vários tipos de influências, tais como, as culturais e tecnológicas, essas influencias têm relação direta com a língua, sendo ela, um organismo vivo, que vai acompanhando o desenvolvimento da sociedade, sofrendo assim alterações, ou seja, a língua está em constante transformação devido às mudanças sócio-históricas que a sociedade sofre.

A língua torna-se um produto social, as mudanças sócio-históricas dos estilos da língua são diretamente associadas às mudanças que ocorrem nos gêneros do discurso, pois, os gêneros do discurso levam a história da sociedade à história da língua, sendo assim os gêneros do discurso acompanham a língua e suas constantes mudanças, o que torna a língua além de um produto social, um

produto heterogêneo. Essa heterogeneidade ocorre pelo o fato que, cada esfera da atividade humana produz os gêneros que lhe são necessários para comunicar-se em determinadas situações sócio-comunicativas.

Segundo Bakhtin (2000), os gêneros discursivos se dividem em dois grupos: gêneros primários (textos da linguagem diária e informal) e os gêneros secundários (linguagem formal). Os gêneros secundários podem absorver os gêneros primários, tornando-se gêneros secundários perdendo suas relações com os enunciados alheios. Tanto os gêneros primários quanto os secundários tratam dos enunciados verbais.

Não é absurdo dizer que os gêneros primários são instrumentos de criação dos gêneros secundários. Daí podem-se apontar as características dos gêneros textuais: são formas-padrão de um enunciado que possuem conteúdo, uma estruturação específica e mutável a partir das relações estabelecidas entre os interlocutores; do mesmo modo, um estilo ou certa configuração de unidades linguísticas (CARVALHO, 2005, p.2).

Em concordância com Bakhtin (2000), “os gêneros estão no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório de gêneros, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero”. Ao aprendermos a falar a nossa língua materna, por exemplo, reproduzimos enunciados que ouvimos as pessoas reproduzirem ao nosso redor, ou seja, ao aprendermos a falar já estamos fazendo uso de gêneros discursivos, o que implica dizer que, os gêneros estão presentes em todos os atos.

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e nós mesmos produzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam [...] As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, i.e, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e a nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculados (BAKHTIN, 2003, p. 282-283).

Podemos citar, como importantes componentes da construção das bases da teoria dos gêneros de Bakhtin (2000), as seguintes considerações:

- a) Cada esfera de atividade humana elabora “tipos relativamente estáveis” de enunciados, denominados “gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279);
- b) Os gêneros, numa determinada esfera de comunicação, caracterizam-se pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional;

c) A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve” (BAKHTIN, 2000, p. 291);

d) Os gêneros caracterizam-se como tipos de enunciados particulares, concretos, relacionados a distintas esferas da atividade e da comunicação – esse aspecto indica que os gêneros também são determinados pelos parâmetros de construção dos destinatários;

e) O enunciado é a unidade real da comunicação verbal, a fala só existe na realização concreta dos enunciados de um indivíduo em situação de comunicação, portanto, o “enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Bakhtin vê os gêneros discursivos como resultado usual da comunicação sócio-cultural e histórica, ou seja, uma ação que resulta numa realização dialógica. “O dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem, uma vez que todo enunciado mantém relações de diálogo com outros enunciados que já foram ditos, e com outros que ainda serão ditos”. (BAKHTIN, 2003).

O dialogismo está intimamente ligado a vida do homem já que somos seres essencialmente sociais e não vivemos isolados. Estamos completamente interligados com as relações socio-culturais e sócio-históricas, o que implica dizer que, somos resultado de uma interação entre nosso eu e o meio que nos cerca. É nessa inter-relação entre linguagem e vida que o dialogismo se efetua ligando aquilo que digo a outros enunciados que já foram ditos anteriormente, bem como a outros enunciados que ainda surgirão. “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2003, p. 296). Podemos deduzir então que, como um elo, o enunciado não pode ser visto de forma isolada, mas junto a outros enunciados formando assim o diálogo.

Todo enunciado surge como resposta a algo que já foi dito, ou seja, aquilo que falamos já foi falado e avaliado por outras pessoas, e quando eu digo algo é porque espero que continue sendo avaliado. Assim sendo, o dialogismo só se efetua em situações reais de comunicação verbal, assim é possível se ter uma atitude responsiva diante do que se ouve ou se escreve. Não tem como existir atitude responsiva em uma construção linguística isolada de um contexto social, por que as unidades abstratas da língua nada dizem a ninguém, não possuem um interlocutor, nem autor.

Diante dessa perspectiva, podemos afirmar que gêneros discursivos são as formas usuais do emprego da língua em textos os quais nos deparamos

diariamente, com padrões sócio-comunicativos e sócio-históricos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados.

Os gêneros discursivos são ilimitados e cada um deles porta seus estilos de escrita e de estrutura, facilitando assim a compreensão das diferenças existentes entre cada um deles, podemos classificá-los de acordo com suas características. Exibem diferenças tanto nas suas formas orais quanto nas suas formas escritas, diferentes conteúdos e estilos, que se interligam. Não necessariamente um texto precisa ter apenas um gênero discursivo, porém, cada gênero textual tem suas características, devido a essas características em cada texto haverá um gênero que se sobressairá.

Quando existe a finalidade de estabelecer alguma comunicação, através das características dos gêneros podemos classificar em qual gênero discursivo o texto está inserido, são elas: O tipo de assunto abordado, quem está e para quem está falando, qual a mensagem que o autor do texto tem para passar para seu público alvo (receptor), qual a finalidade dessa mensagem e qual o tipo do texto.

Para Marcuschi e Xavier (2008), é importante identificar gêneros voltados para a compreensão de textos e também para a produção na sala de aula de forma cautelosa, já que trabalhar com gêneros é uma atividade que exige habilidades diferenciadas. Habilidades de fala e escuta leitura e escrita. Diante dessa infinidade de gêneros textuais, fica nítido que existe neles um vasto caminho de estratégias pedagógicas, quando utilizados de forma criativa e abrangente, tornam-se uma importante ferramenta de ensino.

Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção (BRASIL, 1998).

Trabalhar com gêneros discursivos no contexto de ensino é levar em consideração a sua relevância no ensino-aprendizagem como produtos socio-discursivos, torna-se essencial uma metodologia que faça uso em sala de aula de textos que circulam na sociedade, oportunizando aos seus aprendizes o contato com práticas sociais de leitura e escrita voltadas para situações reais de comunicação, permitindo a interação entre os usuários da língua, pois, cabe a

escola o papel de formar bons leitores e escritores, ou seja, usuários eficientes da língua.

1.1 A charge, conceitos e características

Os gêneros textuais são muito usados em nosso cotidiano. Eles recebem diversos nomes e cada gênero tem suas respectivas características. Um fato relevante ao se falar sobre gêneros textuais é a semelhança existente entre as características de alguns, o que muitas vezes confunde na hora de classificá-los. Essa semelhança leva, muitas vezes, o leitor a confundir um gênero com outro, podendo assim comprometer a leitura e a identificação de seus elementos. É muito comum confundir-se, por exemplo, o gênero textual charge com o gênero textual cartum. Diante diversos tipos de gêneros textuais enfatizarei a seguir sobre o gênero textual charge.

As charges foram criadas no início do século XIX sendo usadas na Europa, foram criadas por oposições críticas aos governos. Esses opositores eram reprimidos pelos governantes dessa época, ganharam grande popularidade e foram definitivamente incorporadas ao jornalismo por volta de 1830, quando o francês Charles Philipon (Lyon, 19/04/1800-Paris, 25/01/1861) fundou o jornal humorístico *La Caricature*.

No Brasil, a primeira charge surgiu no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, criado por Manuel de Araújo Porto-Alegre (Rio Pardo, RS, 29/11/1806 - Lisboa, 30/11/1879). Em 1844, ele lançou a revista *Lanterna Mágica* publicando charges em todas as edições (que foram onze ao todo). Em 1900, J. Carlos, K. Lixto e Raul Pederneiras intensificaram a divulgação de charges no Brasil, fato que acarretou sua existência até os tempos de hoje.

A palavra *charge* é derivada da palavra francesa “charger” que significa carregar, exagerar (sobre o caráter de fatos ou pessoas para torná-los burlescos). As charges envolvem estratégias de discurso, produzindo efeitos cômicos e reflexivos a que se propõem. Existem características pertinentes a toda e qualquer charge, elas são as seguintes:

a) *A linguagem visual*: Na maioria das vezes a charge tem o texto verbal aliado a linguagem visual, também existem charges com apenas linguagem visual, ambas para serem compreendidas precisam que o leitor tenha conhecimento da

polêmica que está sendo abordada por ela, ou seja, é necessário que o leitor tenha conhecimento de mundo;

b) *O exagero*: Essa característica é muito interessante pelo fato de distanciar o desenho da realidade e enfatizar a polêmica a qual quer se despertar a crítica. O exagero aproxima o leitor da verdade e nele se configura o caráter cômico da charge, provocando assim o riso no leitor;

c) *O ridículo*: Enfatiza ações que fogem da normalidade, causando o riso que embute a intenção de humilhar alguém;

d) *Polifonia*: Ela nos permite ter várias interpretações de uma mesma charge. É aplicada de várias maneiras que contextualizam a situação;

e) *Intertextualidade*: Uma charge nunca será autoexplicativa, pois o seu discurso sempre está associado a outros discursos que contextualizam específicas situações sócio-culturais e sócio-históricas.

Para compreender a charge é fundamental o leitor conhecer o contexto da polêmica que está sendo abordada por ela. Ao olhar o seu redor, tentando compreender o que ele é e onde ele está inserido, como as coisas funcionam e como ele é capaz de interagir e até mesmo modificá-las, o homem está fazendo uma primeira leitura, a que chamamos de leitura de mundo, e é neste primeiro momento que ele descobre o mundo e a si mesmo, e como um ser essencialmente social e pensante passa a ter senso crítico.

Sabemos que as charges estão presentes em revistas, jornais, sites, outdoors, dentre outros meios de circulação, no entanto, têm veiculação maior na esfera jornalística Bakhtin (2003). Trata-se de um texto satírico e, por isso, sua primeira função é provocar o humor e o riso, recursos para atrair o leitor para algo mais sério, revelado pela crítica que o chargista pretende veicular. Trata-se de um tipo de texto muito importante na mídia atual, pois está diretamente ligado a fatores sócio-culturais inseridos na atualidade e também pelo fato de serem tipos de enunciados que podem ser objeto de uma rica análise linguística.

A charge é um texto verbo-visual, na maioria das vezes tem o texto verbal aliado à linguagem visual, porém, usando o mínimo de texto verbal, recentemente as charges que circulam nas mídias virtuais ganharam uma nova característica, a sonoridade, passaram a ser textos verbo-visuais-sonoros, porém, essa não é uma característica pertinente a todas as charges, ou seja, se restringe apenas as charges que circulam na mídia virtual e para esse trabalho, serão usadas as charges verbo-

visuais, pois, essas podem ser impressas e levadas para a sala de aula. A charge é um texto argumentativo, opinativo, impresso nos jornais, geralmente é publicado no caderno de opinião, como artigos de opiniões em meio a cartas argumentativas e editoriais e tem uma afinidade maior com assuntos voltados a política.

O chargista sempre estará tentando levar a atenção do leitor para o lado crítico e engraçado, conseqüentemente, argumentando contra fatos e pessoas, induzindo um posicionamento crítico no leitor, contribuindo com o seu ponto de vista diante dos fatos ou pessoas. Por meio de todo esse processo, o leitor fica não só com a informação, mas também com a interpretação dos fatos graças à sua capacidade de fazer, de modo sintético, críticas político-sociais.

Para ser compreendida, fazem-se necessário que o leitor tenha um conhecimento dos acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos. No entanto, é necessário que esse conhecimento esteja dentro da atual realidade que o leitor está inserido, pois a charge relata um fato ocorrido em uma época definida, em um determinado contexto, mas sempre abordando polêmicas da atualidade e, por esse motivo, ao contrário, por exemplo, do cartoon (cartum), a charge é temporal e perecível e possui um importantíssimo papel como registro histórico. Sua afinidade é maior com os acontecimentos políticos e são críticas e manifestações bem humoradas para assuntos verídicos e sérios. Por se tratar de imagem de rápida leitura, é um texto atraente aos olhos do leitor e transmite múltiplas informações de uma só vez. De acordo com Teixeira (2010, p. 95):

O cartum focaliza uma realidade genérica, mais ligada ao cotidiano, busca retratar comportamentos humanos, suas fraquezas, hábitos e comportamentos, trata-se de uma crítica de costumes. É neste ponto que charge e cartum acabam se diferenciando, porque, ao passo que o cartum visa uma realidade comum, a charge retrata uma realidade mais específica, presa a determinados fatos, geralmente políticos e de conhecimento público.

Foi mencionado, anteriormente, que a compreensão da charge requer conhecimento de mundo e que esse conhecimento passa a existir a partir de alguns tipos de relações: as relações de semelhança, de contigüidade e simbólicas.

- A semelhança traz sua relação motivacional criada pelo homem, seu enfoque é na analogia e se assemelha à metáfora;
- A contigüidade tem a sua relação ligada ao nexos causal, ou seja, há uma relação de causa entre o signo e o objeto, seu enfoque é na proximidade com a

significação e remete à metonímia, em que o sentido da palavra é transposto para a relação do objeto;

- O símbolo, sua relação é analógica parcialmente motivada e seu uso sofre variação entre significante e significado.

Deparamo-nos sempre com textos chargísticos, porém, cada vez mais ele vem sendo usado para avaliar a capacidade de interpretação dos alunos nos exames escolares, em concursos públicos e vestibulares. O ENEM é um exemplo disso, pois, faz uso da riqueza dos recursos existentes nesse tipo de gênero para testar a capacidade de leitura dos alunos, trata-se da interpretação de um texto a partir da relação estabelecida entre texto-autor-interlocutor. Esse tipo de texto acaba passando por despercebido por muitos alunos no ensino fundamental e médio devido às escolas priorizarem o ensino da gramática tradicional e não buscarem ferramentas de ensino que enriqueçam intelectualmente o aluno, porém, ao se depararem com esse tipo de texto os alunos são muitas vezes expostos a certo constrangimento por não conseguirem entender o contexto desse gênero verbo-visual e acabam assim, tendo seus rendimentos prejudicados.

A leitura das charges só se torna possível pela a relação do verbal com o não verbal associados a fatores sócio-culturais e sócio-históricos.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM O AUXÍLIO DO LETRAMENTO CRÍTICO, ENSINO COMUNICATIVO E A TRADUÇÃO

2.1 Ensino de línguas e letramento crítico

No contexto social em que estamos inseridos, era pós-moderna, digital ou tecnológica, tem se discutido constantemente sobre objetivos, métodos e práticas de ensino nos quais podemos, como educadores e formadores, utilizar como metodologias de ensino em sala de aula no sentido de preparar os alunos para que possam agir influir, posicionar-se, interagir e desempenhar alguma função, podendo assim fazer a diferença no meio em que vivem. No entanto, essas discussões levaram a educação a dar ênfase maior ao o ensino o relacionado aos tipos e práticas de letramentos.

A noção de letramento crítico surgiu na segunda metade do século XX com o objetivo de influenciar as pessoas sobre os seus pontos de vista diante das práticas sociais. Faz-se necessário, a cada dia, ensinar aos alunos elaborar significados que não se limitem a apenas a decodificar. O aluno precisa também ler e interpretar o texto, enxergando além do que foi dito; analisando e deduzindo intenções; chegando a conclusões do que foi lido; atuando nas situações, visando à sua transformação e mudança. Assim, o educando deve ter essas habilidades não só diante dos textos tradicionais, mas também diante de vários gêneros discursivos (hipertextos).

Através do Letramento Crítico (LC), desenvolvemos várias habilidades e não apenas lemos e escrevemos, ou seja, conseguimos fazer análises de textos. Uma pessoa criticamente letrada consegue compreender o que fica embutido nos textos, seus contextos, sejam eles voltados à política, economia, cultura, etc. a sociedade como um todo. Compreendendo os contextos passamos a ter uma visão de mundo mais ampla, mais respeitadora através de diversas leituras. Podemos assim intervir nos acontecimentos e até modificá-los.

O letramento crítico recebeu várias influências, como a abordagem pós-estruturalista, a feminista, a pedagogia de Paulo Freire e as abordagens crítico-analítico de textos (PENNYCOOK, 2001).

O termo letramento surgiu no Brasil na década de 80, oriundo do termo “literacy”. No Brasil, temos como referência para o ensino sobre letramento crítico os estudos de Paulo Freire. Suas metodologias de ensino tiveram uma grande relevância na educação e são utilizadas por educadores não só do Brasil, ou seja, Paulo Freire tornou-se referência para o ensino tendo como base o LC no mundo inteiro, tendo suas metodologias de ensino usadas até hoje.

O termo letramento é muito confundido com o termo alfabetizar, porém, a diferença é que um indivíduo letrado, além das habilidades de ler e escrever, também consegue analisar diferentes tipos de textos, desde textos tradicionais até os mais variados tipos de gêneros discursivos, conseguindo compreender seus contextos e posicionar-se diante deles.

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1990).

Para Freire, o letramento acontece quando a pessoa consegue fazer um empoderamento da língua, ou seja, quando o indivíduo consegue a sua autonomia por meio do uso da linguagem, passando a participar da construção da sua cidadania podendo assim, se for da sua vontade, atuar em seu meio social e/ou global, interagindo e provocando mudanças, levando a pessoa a (re) pensar as ações passadas, interagir nas ações presentes (re) construindo-as e, conseqüentemente, planejando as ações futuras.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 53).

Para Freire não basta o indivíduo ser apenas letrado, no entanto, ele deve ter senso crítico, ou seja, o termo letramento está completamente associado ao termo crítico. Sendo assim, uma pessoa letrada deve acima de tudo ser uma pessoa crítica, uma pessoa crítica, por sua vez, é um ser consciente (racional, que compreende sua relação com o mundo e que consegue dominar a linguagem). Além da conscientização, o LC deve nos causar uma noção de temporalidade, ou seja, a consciência do surgimento da linguagem na história de uma comunidade específica

influenciando na atualidade, sendo assim, podendo até contribuir e influenciar no que se deseja para o futuro.

Os homens se relacionam com seu mundo de uma forma crítica. Eles apreendem os dados objetivos de sua realidade através da reflexão e não por reflexo... No ato de percepção crítica, os homens descobrem sua própria temporalidade. Transcendendo uma dimensão única, eles alcançam lá atrás o ontem, reconhecem o hoje e assim deparam com o amanhã. (FREIRE, 1990, p. 3).

Quando lecionamos apenas utilizando a gramática tradicional ou um método tradicional de prática de ensino, onde o aprendiz é apenas um depósito de informações e não um agente transformador, impossibilitamos o aprendiz de buscar conhecimentos, pois limitamos os seus conhecimentos apenas às informações que estamos passando e não despertamos neles o interesse de buscar novos conhecimentos. Essas metodologias tradicionais de ensino não levam em consideração as experiências vividas pelos os aprendizes no meio que estão inseridos, ou seja, não consideram a evolução intelectual do aprendiz como ser racional e pensante, inserido em uma sociedade que, com o decorrer dos tempos, evolui. Esse tipo de educação, Freire (2005, p.57) denomina de educação bancária,

[...] se torna um ato de depositar, em que os educadores são depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.

Na educação bancária, o Letramento Crítico não é possível. Quando utilizamos novas ferramentas de ensino, como os gêneros discursivos, por exemplo, expomos nossos aprendizes à tradução/interpretação de textos que estão pautados em situações atuais, ou seja, que remetem a acontecimentos que acontecem no meio em que estão inseridos. O aprendiz não só decodifica, é despertado nele também um maior interesse de compreensão desses textos que exigem habilidades diferenciadas de compreensão. Aguçamos a curiosidade nos alunos ao depará-los com textos diferenciados que falam de suas realidades, textos esses compostos por diversos sistemas de signos, despertamos, finalmente, nos aprendizes um senso crítico.

O letramento crítico acontece no momento em que a educação deixa de ser bancária e passa a ser uma práxis libertadora. A partir desse momento o aluno deixa de ser depósito de informações e passa a ser um sujeito de sua existência, deixa-se de seguir um modelo tradicional de ensino e passa a existir uma ação dialógica entre

aprendiz e professor, onde passa a existir a necessidade de reflexão-ação diante de situações problematizadoras e ocorre, assim, a emancipação do sujeito.

É nesse ponto de vista da emancipação do sujeito que Freire (1990) faz a seguinte afirmação: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”. O educador deve encorajar individualmente os aprendizes para valorizar os seus saberes e despertar neles autoconfiança para sentirem-se assim sujeitos emancipados.

O LC problematiza as verdades dos enunciados. Essa problematização tem grande relevância no desenvolvimento de novos significados, desenvolvendo, individualmente, diferentes visões da mesma realidade. Construindo, assim, o sujeito pós-moderno, um ser confeccionado nas relações da linguagem e da cultura.

Segundo a UNESCO, comissão internacional sobre educação para o século XXI, citado por Delors (1996, p.101), “para ser capaz de conseguir as finalidades que a educação tem, ela deve ser pautada em quatro pilares: Aprender a conhecer aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a Ser”.

- a) Aprender a conhecer: É aprender a ter uma leitura de mundo consciente;
- b) Aprender a aprender: Para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida;
- c) Aprender a fazer: usar o seu conhecimento para atuar diante da sociedade e do meio atual em que o indivíduo está inserido. Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe;
- d) Aprender a viver juntos: Ter consciência de que somos seres essencialmente sociais e que interagimos com os demais. Aprender a viver juntos para “desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz;
- e) *Aprender a ser*: A educação deve ser eficaz ao ponto de não apenas alfabetizar e tornar o cidadão letrado, mas também com uma grande importância, tornar o cidadão crítico. Uma nova concepção de educação deve fazer com que as pessoas possam descobrir reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido no interior de cada ser humano.

O LC nos mostra que o ensino de línguas não pode se consolidar apenas para fins comunicativos, pois o discurso nos permite produzir sentidos que estão intimamente ligados a relações sócio-históricas contextualizadas com o meio em que vivemos. Sendo assim, o ensino de uma língua não deve se limitar apenas ao ensino de gramática e tradução, deve ser um ensino moderno sóciointeracionista inclusivo. “É partir da interação [...] que há a internalização de um saber construído com o outro” (BAKHTIN, 2003, p. 130), ou seja, é a partir do envolvimento e diálogo

entre educador e aprendizes que ocorre uma troca de saberes onde, todas as partes saem beneficiadas.

O professor tem um grande poder de persuasão e deve ser um mediador, deve familiarizar o aprendiz com a língua alvo, pois tem ao seu dispor a tecnologia e uma grande diversidade de gêneros discursivos existentes, fazendo um bom uso dessas ferramentas que tem ao seu dispor e escolhendo bem os conteúdos que vai trabalhar em sala de aula. O educador consegue trazer o aprendiz para a sua realidade, despertando neles questionamentos para compararem comportamentos, observarem, interagirem, refletirem sobre os acontecimentos atuais diários e posicionarem-se diante dos fatos.

A Tabela 1 apresenta como ocorre a leitura tradicional, a leitura crítica e o letramento crítico.

Tabela 1 – Tipos de Leitura

Leitura Tradicional (Estratégia)	Leitura Crítica (Estratégia)	Letramento Crítico (Estratégia)
O texto representa a verdade? É fato ou opinião? É tendencioso ou neutro? Está bem escrito/claro? O quê o autor quer dizer? Qual nível de autoridade ele/ela possui?	A quem se dirige o texto? Qual é a intenção do autor? Qual é o contexto? Como o autor manipula o texto? Quais afirmações não têm embasamento? Por que o texto foi escrito desta forma?	Quais são os pressupostos e possíveis implicações das afirmações? Como realidade é definida? Quem a define? Em nome de quem? Para o benefício de quem? Quais são as limitações ou contradições nesta perspectiva? Como estas afirmações (ou palavras) poderiam ser interpretadas em contextos diferentes?
Decodificação (Foco)	Interpretação (Foco)	Questionamento (Foco)
Mensagem/conteúdo, autoridade e legitimidade do falante e do texto.	Contexto da escrita, intenções e estilo de comunicação	Pressupostos, saber, produção, poder, representação e Implicações
Objetivo	Objetivo	Objetivo
Desenvolver uma compreensão do conteúdo e/ou estabelecer o valor de verdade do texto.	Desenvolver reflexão crítica (habilidade de perceber intenções e razões)	Desenvolver reflexividade (habilidade de identificar pressupostos/implicações)

Fonte: Site dia a dia educação, 2016.

O LC nos faz perceber que existe uma grande necessidade de mudança no ensino de língua, principalmente nas metodologias de ensino dos educadores. Os gêneros do discurso constituem um vasto campo de estudos ao dispor dos educadores para tornar seus aprendizes sujeitos criticamente letrados, pois são

importantes ferramentas de ensino como práticas discursivas. Desse modo, o ensino crítico de línguas deve ser pautado em uma relação dialógica entre professor -texto-aluno despertando neles a sua criticidade.

2.2 O ensino comunicativo

O ensino de língua estrangeira, no decorrer do tempo, vem passando por diversas transformações para tentar alcançar os seus objetivos (desenvolver competências comunicativas). Essas transformações estão voltadas para os tipos de abordagens utilizadas pelos educadores em suas práticas de ensino. A abordagem é quem vai definir a execução e assimilação do ensino da língua alvo, através da ação do educador e o seu método de ensino (FILHO, 2005, p. 78).

Faz-se necessário, então, que compreendamos o conceito de abordagem. Segundo Filho (2005, p. 78), “abordagem é um conjunto nem sempre harmônico de pressupostos teóricos, de princípios e até de crenças, ainda que só implícitas sobre o que é uma língua natural, o que é aprender e o que é ensinar outras línguas”. Existiram no ensino de língua estrangeira abordagens que antecederam a abordagem comunicativa, foram elas: Abordagem tradicional, abordagem estrutural e abordagem cognitiva.

- *Abordagem tradicional:* Iniciou-se no final do século XIX e teve maior desenvolvimento no século XX. Essa abordagem caracterizava-se por dar prioridade ao ensino de gramática de maneira conclusiva, pois a escrita era superior à oralidade, ou seja, dava-se ênfase a memorização do vocabulário e traduções, onde, o educador era autoritário e visto como uma autoridade na sala de aula;

- *Abordagem estrutural:* Iniciou-se na segunda metade do século xx nos anos 50. Essa abordagem dava prioridade à língua falada e tinha como suporte teórico-científico a psicologia comportamental e a linguística estrutural. Essa abordagem foi bem aceita em todo o mundo, pois se acreditava que os aprendizes assimilavam a língua da mesma maneira e que a língua era assimilada através de hábitos repetitivos onde eram memorizados.

Essa abordagem provocou várias discussões e passou por revisões. Segundo (SILVEIRA, 1999, p. 43), o aprendizado de uma língua estrangeira não se configura pela memorização de hábitos repetitivos, o aprendizado de uma LE ocorre de maneira cognitiva e não mecânica. Surgindo, assim, a abordagem cognitiva;

- *abordagem cognitiva*: Iniciou-se nos anos 60, também chamada de Communicative Approach ou Functional Approach, uma evolução das abordagens anteriores. Essa abordagem começou a considerar a língua como forma de comunicação social e, na sua concepção, o aprendiz era o maior responsável pela busca de seus conhecimentos, o educador incentivava o aprendiz a aprender a aprender.

Não havendo muita mudança com a abordagem cognitiva, no final da década de 60 surgiu a necessidade de que fossem levados em consideração, no ensino de uma LE, os aspectos sociais da língua, surgindo assim o movimento denominado comunicativismo. O surgimento desse movimento, por tanto, foi o resultado de teorias voltadas para o discurso e o uso eficaz da língua. O comunicativismo foi influenciado pelas teorias de Chomsky (ABREU; LIMA, 2006, p. 65), pois, para ele, fazia-se necessário uma visão mais humanista da língua e que fossem considerados os aspectos sociais da linguagem. Surgindo a partir dos anos 70 a abordagem comunicativa;

- *Abordagem comunicativa*: Essa abordagem teve influência de vários linguistas, tais como Wilkins e Widdowson, dentre outros que formaram sua base teórica. Teve grande aceitação, a princípio, na Inglaterra, nos Estados Unidos e, conseqüentemente, no mundo todo. A linguagem passou a ser vista como um método cognitivo contínuo, onde o aprendiz vai absorvendo as regras gramaticais da língua por meio dos elementos linguísticos que o rodeiam, como o meio social e as funções comunicativas. O educador deve fazer uso dos diversos recursos que estiverem ao seu dispor para que o aprendiz tenha uma significativa assimilação da língua alvo, passando a adquirir proficiência, tornando-se bilíngue e sendo capaz de desenvolver as quatro habilidades da língua (*listening, reading, writing e speaking*).

A abordagem comunicativa foi bem aceita no mundo todo e se estabeleceu por levar em consideração a necessidade da educação como uma forma de mudança social. Foi influenciada por linguistas como: Wilkins (1976), Hymes (1979) e Widdowson (1979), ambos achavam que a língua era um instrumento de comunicação verbal da interação social.

Tendo como principal objetivo o uso da língua para fins comunicativos, mesmo passando por vários questionamentos, é essa a abordagem utilizada atualmente para o ensino LE. Ocorreram grandes inovações no ensino de LE, onde a linguagem passou a ter um significado real, mudaram os papéis do educador e do

aprendiz. O educador passou a ser um mediador, uma ponte entre o aprendiz e a língua e o aprendiz deixou de ser depósito de informações e passou a ser um sujeito de sua existência responsável pela sua aprendizagem.

[...] uma maior preocupação com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira, ou seja, menor ênfase no ensinar e mais aprofundamento naquilo que permita ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa (FILHO, 2005, p.42).

Esse foi o caminho percorrido pelo o ensino de LE até chegar à abordagem comunicativa. Como já citado anteriormente essa abordagem foi alvo de várias discussões e, no decorrer dos tempos, surgiram dentro dela vários métodos de ensino para chegar ao seu objetivo principal. Atualmente essa abordagem é denominada de ensino comunicativo (EC).

2.2.1 A aula comunicativa

Como o maior objetivo do EC é o ensino da língua para fins comunicativos, uma aula comunicativa deve ter mais função do que forma, ou seja, deve ser uma aula mais dinâmica voltada para a realidade que o aprendiz está inserido, para incentivá-lo a querer aprender a língua alvo, pois o desinteresse do aprendiz no ensino de uma LE é um dos grandes desafios com que os educadores têm se deparado.

Na aula comunicativa ocorre um moderado uso da língua nativa e das traduções, esse uso ocorre de maneira a beneficiar o aluno. O aprendiz por não ter um contato direto com a língua alvo não vê finalidade de seu aprendizado. Para Filho (2005, p.51), “uma aula comunicativa só acontece quando o ensino é significativo”. Sendo assim, a aula comunicativa tem o ensino voltado para a comunicação e o conteúdo deve ser diversificado, abordando situações da realidade que o aluno está inserido como economia, política e cultura, por exemplo, ou seja, é uma aula contextualizada.

2.2.2 O aprendiz comunicativo

O aprendiz deve ser um sujeito ativo no processo de aprendizagem e deve ter voz ativa na sala de aula. Não deve mais ter a visão de que o educador é uma autoridade; não deve se sentir oprimido diante dos erros que cometer durante a aquisição da língua alvo, pois esses erros indicam em qual estado de aquisição ele se encontra.

O EC não visa perfeição gramatical o que não significa dizer que o aluno não terá contato com o uso da gramática, porém, o principal objetivo é a comunicação, no entanto, o aluno deve interagir com o professor e com os demais sujeitos da sala de aula para melhor assimilar o uso da língua facilitando assim o seu aprendizado.

2.2.3 O papel do educador

No EC é fundamental que o educador seja fluente na língua alvo. Ele deve ter consciência de que está diante de uma diversidade de aprendizes com realidades diferentes e, por esse motivo, deve adequar-se à turma. Cabe a ele aproximar o aluno a língua alvo através das situações reais vivenciadas por eles para que ambos vejam finalidades na aquisição da língua alvo, essas finalidades que o aluno deve ver é principalmente a importância de se aprender a LI. No EC, o educador fala menos e escuta mais. Ele não é mais visto como uma autoridade em sala de aula e sim um mediador, facilitador, uma ponte entre o aprendiz e língua e principalmente deve ter consciência que o aluno é um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem.

2.2.4 O ensino de Língua Inglesa através do ensino comunicativo

O método comunicativo passou por vários processos de adaptação, reformulação de técnicas de ensino para que conseguisse ser eficaz na complexidade que é o ensino de línguas. Como já foi citado, esse é o método utilizado atualmente para o aprendizado de LE, porém, principalmente de LI.

As avaliações devem ser contextualizadas, dinâmicas e flexíveis, onde o educador só interfere quando necessário e o aprendiz é avaliado constantemente durante a interação com o educador e os demais aprendizes nas atividades às quais são expostos. Essas avaliações devem desenvolver no aprendiz as habilidades de

ler, escrever, ouvir e falar, porém, cada habilidade requer uma forma diferente de avaliação.

Na leitura, avalia-se no aprendiz a capacidade da interpretação de textos oriundos da LI, para avaliar a capacidade de escrever é levada em consideração a capacidade do aprendiz de se expressar de maneira compreensível e contextualizada; o ouvir é avaliado através da maneira como o aprendiz assimila diálogos da LI de acordo com seus conhecimentos; e a avaliação da capacidade de falar ocorre na forma como o aprendiz interage para se comunicar.

2.3 Breve introdução sobre a tradução

O que é traduzir? A primeira e consoladora resposta gostaria de ser: dizer a mesma coisa em outra língua. Só que, em primeiro lugar, temos muitos problemas para estabelecer o que significa — dizer a mesma coisa e não sabemos bem o que isso significa por causa daquelas operações que chamamos de paráfrase, definição, explicação, reformulação, para não falar das supostas substituições sinonímicas. Em segundo lugar, porque, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos também o que é a coisa. E, enfim, em certos casos é duvidoso até mesmo o que quer dizer dizer (ECO, 2007, p. 9).

Estudos mais aprofundados sobre a tradução ocorreram após a segunda guerra mundial com a sua imersão no campo acadêmico através da consciência das práticas textuais ligadas também as práticas culturais. Esses estudos apontaram a tradução em duas vertentes contrárias: A tradução numa concepção tradicional e a que estabelece uma concepção contestadora ou desconstrucionista, ou seja, a tradução propriamente dita versus tradução livre. Influenciadas pelas abordagens funcionalistas surgiram estudos mais aprofundadas sobre a tradução, esses estudos eram teorias que ligavam o processo de traduzir a sua prática, revelando o tradutor também como intérprete e autor.

A primeira vertente mostra a tradução como sendo apenas um produto produtivo onde, traduzimos de maneira fiel o texto da língua fonte para a língua alvo, ou seja, traduzimos palavra por palavra e sentido por sentido. A segunda vertente mostra que a tradução se configura como um trabalho reprodutivo onde, deixa de existir uma hierarquia entre o original e o texto traduzido, esse processo passa a ser compreendido como uma (re) produção e (re) criação de sentidos originados da interpretação, porém, a interpretação é determinada não só por fatores internos do autor da obra original, mas, também por fatores externos que o tradutor traz na sua carga de conhecimentos como o contexto sócio-cultural e socio-histórico existentes

na língua alvo onde o texto será traduzido. Assim sendo, através da visão contestadora o texto deixa de ser uma produção (cópia) e passa a ser uma co-produção, pois o tradutor (re) cria e mantém viva a obra.

Nós podemos olhar para a tradução como um fenômeno social reconhecido, tanto uma categoria intelectual quanto uma prática cultural. O significado do termo é codificado em dicionários, fixado pelas atividades informais e profissionais chamadas de tradução, constantemente afirmado por associações de tradutores e por discursos educacionais, acadêmicos, jornalísticos e outros discursos públicos e privados. [...] Também é plausível assumir que nós trazemos expectativas tanto cognitivas quanto normativas à tradução. Ambos os conjuntos de expectativas estão sendo continuamente negociados, confirmados, ajustados e modificados pelos tradutores praticantes e por todos que falam sobre tradução (HERMANS, 2004, p. 141).

2.4 O ensino de Língua Inglesa com auxílio da tradução

A categoria analítica a ser utilizada neste trabalho será a tradução para que possamos analisar a comunicação veiculada pelas charges, utilizando o Letramento Crítico e Ensino Comunicativo para compreendermos como a análise dessa categoria por meio desse gênero textual pode ser utilizada no ensino de Língua Inglesa. A tradução pode se configurar, segundo Jakobsom (2003, p.64-65), em três formas: A tradução intra-lingual ou reformulação (*rewording*), a tradução inter-lingual ou tradução propriamente dita e a tradução inter-semiótica ou transmutação.

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução iriterlingual ou *tradução propriamente dita* 'consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Assim, por meio das charges, pode-se trabalhar na sala de aula a tradução inter-lingual e a tradução inter-semiótica. Esta segunda se caracteriza pela relação dos signos verbais e não verbais na construção do significado que este texto veicula ao ser lido, pois há a junção de um pequeno texto verbal com imagens relacionadas a um determinado contexto social. Ao utilizar a tradução, devem-se levar em consideração alguns fatores como: A equivalência na diferença, a "impossibilidade" de tradução, as operações metalinguísticas, o não nativismo e a questão de traduzir e/é/ou interpretar versus tradutor e/é/ou intérprete. A seguir encontram-se descritas as considerações sobre cada um desses fatores:

- *A equivalência na diferença*: Quando traduzimos de uma língua para outra ocorre uma substituição de mensagens em uma das línguas, essa substituição não é

apenas de uma palavra e sim de uma frase ou mensagem inteira. Segundo Jakobson (2003, p. 67), “tal tradução é uma forma de discurso indireto: O tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”. Podemos assim afirmar, que por se tratar de mensagens em códigos diferentes é que existe a equivalência na diferença;

- *A impossibilidade de tradução*: Podemos afirmar que a impossibilidade da tradução não existe, pois, ainda na concepção do autor supramencionado, “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente”. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios;

- *As operações metalinguísticas*: Onde o significado de um signo pode ser substituído por outro signo da mesma língua. Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque “a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas — o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução (JAKOBSON, 2003, p.70);

- *O nativismo*: Deve-se levar em consideração o fato da língua inglesa ser a língua mais falada no mundo. Isso implica que ela tem mais falantes não nativos, por isso, quando se fala de tradução, este idioma torna-se especial por existir nele uma grande influência da tradução interlingual;

- *Traduzir e/é/ou interpretar versus tradutor e/é/ou intérprete*: “Traduzir é interpretar?”, “Todo tradutor é um intérprete?”. Esses questionamentos surgem com o fato de que a tradução é comumente confundida com a interpretação, assim como o papel do tradutor é comumente confundido com o papel do intérprete. Como todo receptor de mensagens verbais, o linguista se comporta como intérprete dessas mensagens. “Nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema”. (JAKOBSON, 2003, p. 65 e 66). Sendo assim, pode-se dizer que, em relação à tradução, existem as três situações onde traduzimos e interpretamos, traduzir é interpretar e muitas vezes temos que traduzir ou interpretar, porém, já que segundo o autor mencionado “nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela a ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos”, pode-

se afirmar nesse trabalho com uso do gênero discursivo charge (composto por enunciados verbais e não verbais) que, a tradução e a interpretação se complementam, ora para a tradução dos textos da língua fonte para a língua alvo e ora para a compreensão das imagens contidas nesse tipo de texto.

O processo tradutório não constituiu uma simples passagem de uma língua para outra, como um simples ato comunicativo, mas um processo mais amplo, de interpretação, de ressignificação, considerando a diversidade cultural e linguística do contexto de chegada.

Em relação ao tradutor e o intérprete, podemos afirmar que, muitas vezes o papel do tradutor é confundido com o papel do intérprete, embora em outras o tradutor seja um intérprete. Entretanto, o papel do tradutor se difere do papel do intérprete o que não significa dizer que ao se traduzir não estamos interpretando ou vice versa. O Tradutor e o intérprete fazem a transposição do significado de textos e de falas de um idioma para outro. O tradutor faz a versão escrita de livros, documentos e textos em geral de uma língua para outra. O intérprete traduz oralmente palestras, discursos, reuniões e videoconferências. Para isso, ambos dominam o vocabulário, a gramática, as gírias e as expressões coloquiais do português e de outras línguas. Também conhecem os costumes, as tradições e a cultura de povos estrangeiros.

Tradutores nunca “apenas traduzem. Eles traduzem no contexto de certas concepções e expectativas sobre a tradução. Nesse contexto, eles fazem escolhas e assumem posições porque têm objetivos a serem atingidos, interesses a serem perseguidos, causas materiais e simbólicas a serem defendidas. Tanto o contexto quanto as ações dos grupos e indivíduos são determinados socialmente. Os tradutores são também agentes sociais” (HERMANS, 2004, p. 9-10).

Assim sendo, pode-se, neste trabalho, afirmar que, trabalhando em uma aula de LI, a tradução inter-semiótica auxiliará a inter-lingual por meio da análise que o aprendiz precisará fazer do gênero textual charge, levando-se em consideração que o aprendiz tanto precisará compreender os signos verbais (enunciados) quanto os não verbais (imagens) que estão contidos nesse tipo de texto.

CAPÍTULO III

CENÁRIO POLÍTICO ATUAL DO BRASIL EM ALUSÃO AO CARGO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3.1 O impeachment de Dilma Rousseff

Os processos contra a continuidade do segundo mandato da presidente teve início quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha aceitou do procurador Hélio Bicudo e dos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoale denúncias contra a presidente onde, afirmavam que a mesma havia cometido crime de responsabilidade.

As acusações eram que, Dilma Rousseff haveria desrespeitado a lei orçamentária e a lei de improbidade administrativa além de suspeitas de seu envolvimento em escândalos de corrupções na Petrobrás investigados pela polícia federal fazendo alusão a operação lava jato. Havia juristas que questionavam as denúncias afirmando que as pedaladas fiscais não consumavam o crime de improbidade administrativa.

Com a aceitação das denúncias que pesavam contra a presidente, foi instaurada uma comissão especial na câmara dos deputados para decidirem se haviam fundamentos nessas denúncias. Nesse período as ruas de diversas cidades do Brasil eram palcos de grandes manifestações contra e a favor do impedimento da presidente.

O relatório da comissão da Câmara dos Deputados foi favorável ao impedimento onde, 38 deputados aprovaram o relatório e 27 votaram contra o mesmo. Em 17 de abril de 2016, o plenário da câmara aprovou esse relatório com 367 parlamentares votando a favor e 137 votando contra o mesmo. Ao ser enviado ao senado o parecer da votação realizada na câmara dos deputados, o senado formou uma comissão especial e em 12 de maio de 2016, o senado aprovou por 55 votos contra 22 a abertura do seu processo contra o governo da então presidente. Durante esse período Dilma Rousseff foi afastada por 180 dias do seu cargo, sendo assumido interinamente pelo o vice-presidente da república, o senhor Michel Temer.

Após três meses de abertura do processo pelo senado, o processo contra a presidente foi concluído em 31 de agosto de 2016, quando Dilma Rousseff perdeu o

cargo de presidente da república, após uma nova votação do senado que resultou em 61 votos a favor do seu impedimento e 20 contra.

O cargo da presidência do país passou a ser ocupado por Michel Temer que é o atual presidente do Brasil. Dilma Rouseff foi o segundo presidente do Brasil a sofrer impeachment; o primeiro foi Fernando Collor.

3.2 Análise das charges

As charges que serão analisadas têm como tema central a polêmica do cenário político nacional atual do Brasil fazendo alusão ao cargo da presidência da república, evidenciando algumas situações desde o início do segundo mandato da ex-presidente do País Dilma Rouseff até o cenário atual da presidência do país, onde a ex-presidente foi afastada definitivamente do cargo e o atual presidente do país é o senhor Michel Temer.

Os gêneros discursivos escolhidos para a análise são charges compostas por enunciados verbais (texto) em inglês e enunciados não verbais (imagens). Segundo Bakhtin (2000, p. 100), "todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas". Essa citação reforça o que já foi citado neste trabalho, que o texto chargístico é um quadro semiótico composto por signos verbais e não verbais e sempre estará polemizando uma crítica a pessoas e fatos socioculturais e sócio- históricos.



Charge 1: Enunciados verbais e não-verbais
Fonte: Revista Veja (2016).

A charge acima é de autoria do cartunista Patrick Chappatte e foi publicado no jornal Herald Tribune. Ao observar esse texto, percebemos uma mulher olhando um tumulto que está acontecendo na rua. Ela tem uma faixa passada no seu ombro e nessa faixa está desenhada a bandeira do Brasil o que mostra a quem está lendo o texto (tanto no nível verbal quanto não verbal) que essa senhora é a presidente da República Federativa do Brasil, ela diz: “Isso faz com que a gente pareça um país de terceiro mundo”. Por trás dela tem um senhor de paletó e gravata que também está a observar o mesmo tumulto. Ele diz: “Pior; parece a Europa”.

Ao observarmos o tumulto que está acontecendo na rua, enxergamos pessoas com cartazes, carros virados e fumaça. Em um dos cartazes está escrito: “Basta”! Em outro cartaz está escrito: “Já chega Brasil”.

Faz-se necessário, para que o leitor tenha compreensão desse texto, um conhecimento de mundo, pois, ao observar a mulher citada acima, sabendo que a presidência do país na época em que esse texto foi elaborado e veiculado era representada por uma mulher, percebe-se que, a mulher da caricatura é a presidente em exercício do Brasil na época em que esse texto foi publicado. Ao observar a caricatura do homem citado acima, percebe-se que tratava de algum parlamentar ou ministro da casa civil da ex-presidente também olhando para o tumulto.

No segundo mandato da presidente Dilma Rousseff ocorreram pelo Brasil inúmeros protestos pautados em reivindicações diversas, protestos esses, que ocorreram tanto contra quanto a favor do governo da presidenta em exercício, porém, inicialmente, eram contra o aumento da tarifa de transportes públicos e, conseqüentemente, tornaram-se uma grande arma de uso da população para cobrar e questionar os seus descontentamentos diante dos partidos políticos do Brasil.

Em toda charge, percebemos as características pertinentes desse gênero discursivo. Percebemos o exagero ao observar o protesto onde, visualizamos, por exemplo, carros virados, ou seja, esse texto mostra um olhar sobre os protestos na sua maior proporção de revolta que os protestantes poderiam chegar que eram os danos às propriedades públicas e privadas. Ao refletir sobre a fala da presidenta onde, ela diz que vai “parecer” que o Brasil é um país de terceiro mundo, observamos a polifonia, pois, dependendo do ponto de vista de cada leitor ele pode sim considerar o Brasil um país de terceiro mundo mesmo que não seja.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 2000, p. 132).

Percebemos que esse texto ridiculariza a política do país ao mostrar a sua população indo para as ruas protestar contra irregularidades voltadas para a corrupção no governo de Dilma Rousseff e insatisfações, já a intertextualidade nesse texto ocorre pelo fato dele exigir do leitor o conhecimento de mundo, nesse caso sobre o cenário político atual do Brasil para que seja compreendido.

A linguagem passa a ser vista como intertextual dupla e ambivalente, através do processo de “transformação”. O estatuto da palavra torna-se o “mediador” que liga o modelo estrutural ao ambiente histórico-cultural, da mesma forma que torna o regulador entre a diacronia e sincronia. O sujeito, destinatário e o contexto tornam-se elementos em diálogo, promovendo elementos ambivalentes. O termo “ambivalência” implica a inserção sócio-histórica no texto (e do texto na história) e, por isso, aproxima-se do diálogo, por seu caráter duplo. Assim, a intertextualidade é tida como um diálogo intertextual no qual o “vaivém entre o sujeito e o outro, entre o escritor e o leitor, o autor estrutura-se como significante, e o texto como diálogo de dois discursos” (KRISTEVA, 1978, p. 82).



Charge 2: Enunciados verbais e não-verbais
Fonte: Blogfera, 2016.

Esta charge é de autoria do artista plástico costa-riquenho Arcadio Esquivel e foi publicada em um jornal canadense enfatizando a crise política do Brasil. Nesse texto a garota de Ipanema é observada por um artista como um monstro da corrupção. Chegamos à conclusão de que, quem observa a garota de Ipanema é um artista porque em uma das mãos ele carrega um violão. O artista diz: “Você mudou!”, essa mudança a que ele se refere ocorre nesse texto pelo o exagero do chargista ao

mostrar a garota de Ipanema em formas diferentes dos padrões de belezas da mulher brasileira ditados pela sociedade, onde a aparência da mulher brasileira é admirada mundialmente, característica esta que é destorcida nesse texto ao se fazer uma caricatura da garota de Ipanema em forma de monstro.

Percebemos que o chargista tinha a intenção de ridicularizar o Brasil ao observar ao redor do mostro e do artista os prédios e a paisagem que os rodeia onde, está escrito “Brasil”. Percebemos que o monstro está de biquíni e que em sua barriga está escrito corrupção, esta corrupção nesse caso é referente aos escândalos de corrupção ocorridos no governo do ex-presidente Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff, porém, cada leitor, dependendo do seu conhecimento de mundo, ou seja, do conhecimento atual que ele tem sobre o contexto sociocultural ou sócio-histórico de determinado lugar, nesse caso o cenário político atual do Brasil vai ter uma interpretação diferente desse texto o que evidência nesse texto a polifonia e a intertextualidade, pois o texto permite mais de uma interpretação e não se auto-explica, exigindo assim do seu leitor conhecimento de mundo.



Charge 3: Enunciados verbais e não-verbais
Fonte: Blogosfera (2016).

Esta charge é de autoria do artista plástico costa-riquenho Arcadio Esquivel e foi publicada num jornal canadense enfatizando a crise política do Brasil. Observamos que a estátua do Cristo Redentor está usando uma máscara, em sua base está escrito Brasil e ao lado direito vemos um prédio que está escrito políticos. Percebemos que do prédio está saindo sujeira em forma de gases poluentes e que está contaminando tudo ao seu redor.

Está nítido o exagero nesse texto ao colocar o Cristo Redentor de máscara, ou seja, a poluição causada pelos os políticos está tão grande que até a estátua do Cristo Redentor está necessitando usar uma máscara pra se proteger, pois, a podridão dos políticos por meio de suas trapaças e jogos sujos estão em um nível tão alto que nem o Cristo Redentor (um dos símbolos que representam o Brasil) está suportando isso.

Observamos o ridículo ao qual a política do Brasil foi criticada e submetida nesse texto ao se referir aos políticos do país de maneira a denegri-los, ou seja, ao mostrar no texto que são imensamente sujos. Essa sujeira, dependendo da interpretação de cada leitor, pode ser referente a serem desonestos ou a não terem higiene, por exemplo, então percebemos a polifonia, pois o texto nos permite mais de uma interpretação.

A intertextualidade ocorre pelo o fato do texto exigir do leitor conhecimentos sobre o cenário político atual do Brasil.



Charge 4: Enunciados verbais e não-verbais
Fonte: Blogfera (2016).

Esta charge é de autoria do artista plástico costa-riquenho Arcadio Esquivel e foi publicada no jornal norte americano Billings Gazette, com o intuito de ilustrar o artigo de Robert J. Samuelson publicado no jornal "Washington Post". Percebemos nela que o chargista exagerou ao remeter uma obra de arte desorganizada e afirmar que essa obra de arte representa o Brasil, onde mostra um quadro composto por desenhos desorganizados ultrapassando até as dimensões do quadro.

O desenho mostra dois estrangeiros que observam a obra de arte desorganizada, um dos observadores diz: "Este se chama Brasil", o observador ao

comparar o desenho com Brasil ridiculariza o país; essa desorganização, porém, pode ser, por exemplo, na saúde, na educação, na justiça, na economia e na política, no entanto, foi referindo-se a economia e a política que Robert J. Samuelson elaborou seu artigo.

Percebemos então a polifonia, pois esse texto permite ao leitor ver o Brasil desorganizado de várias maneiras, o que vai definir na interpretação dessa charge e a crítica que ela quer despertar é o conhecimento de mundo da atualidade que ela foi publicada, ou seja, a realidade atual econômica e política do país que induziu o autor a elaborar um texto sobre determinado assunto (política e economia nesse caso) com a finalidade de passar uma mensagem, essa mensagem, por sua vez, é o contexto que está embutido no texto chargístico, mas que, através da sua interpretação, podemos compreender, configurando-se assim a intertextualidade. Pois, o texto não auto-explica a mensagem que ele quer passar para o leitor e, só através do conhecimento que o leitor tem sobre o país(Brasil) é que ele consegue compreender a mensagem desse gênero discursivo. Esse texto nos mostra a visão que os estrangeiros têm sobre o Brasil.



Charge 5: Enunciados verbais e não-verbais
Fonte: UOL (2016).

Essa charge foi feita pelo o chargista Carlos Latuff e foi publicada em vários jornais de grande importância, tanto no Brasil como no exterior. Dentre eles o The Guardian, New York Times, Irish Times.

Observamos o mapa do Brasil sendo pisado por ratos vestidos de paletó e gravata, festejando, fazendo selfies, segurando a bandeira do Brasil e gritando impeachment. Ao lado vemos uma pessoa cuja cabeça é o globo terrestre

mostrando o mapa do Brasil, com uma Câmera filmando o que está acontecendo e com a mão no rosto.

Analisando esse texto, percebemos que se trata do processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff onde, os ratos fazem alusão aos deputados brasileiros, à influência da bancada evangélica no golpe e a justificativa de seus votos em nome de Deus, além de todo o pensamento tradicional e radical referente às questões de gênero, raça e classes sociais marcadas pelos discursos dos parlamentares que votaram a favor e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e a pessoa que está ao lado filmando com a mão no rosto representa é um cinegrafista que, nesse caso representa a imprensa internacional envergonhada com o que está acontecendo naquela votação.

Como já foi descrito, essa charge repercutiu em vários jornais internacionais relatando irregularidades no processo do impeachment da presidente Dilma Rousseff. Ao se criar a insinuação de que os deputados são ratos, percebemos o exagero presente nesse texto, pois ratos são animais irracionais sujos, nessa comparação de parlamentares com ratos tanto são ridicularizados os parlamentares, quanto é ridicularizada aquela votação, pois nela os deputados em seus discursos usaram argumentos sem fundamentos para justificar seus votos, esses argumentos foram alvo de críticas pelo o país inteiro e conseqüentemente repercutiram por todo o mundo.

O cinegrafista está representando a imprensa internacional envergonhada com o que está presenciando, porém, em seu colete está escrito “pressione”. “Pressione” nesse caso, pode ser entendido como exercer uma pressão psicológica sobre os demais parlamentares, exercer pressão psicológica sobre a presidente em exercício ou até mesmo pode ser entendido como apenas pressionar algum botão que esteja na câmera para que ela realize alguma função específica, porém, nesse caso, percebemos que se refere pressão que a mídia nacional fez em relação ao impeachment por apoiá-lo, além da pressão que alguns jornais do exterior tentaram fazer para alertar o povo brasileiro sobre o golpe, ou seja, dependendo da compreensão de cada leitor pressione vai ter um significado diferente, se configurando assim a polifonia, pois, o texto nos permite mais de uma interpretação.

Observamos a intertextualidade nesse texto ao perceber que ele requer conhecimento de mundo para que seja compreendida a mensagem que ele quer passar, ou seja, faz-se necessário para que se compreenda essa charge que, o

leitor tenha conhecimento do cenário político atual que o país ao qual ela se refere está vivenciando.

Observando todo o texto, percebemos que a principal mensagem que ele quer passar é o olhar do mundo inteiro sobre aquela votação, cujos parlamentares se comportaram de maneira vergonhosa, ora gritando e atrapalhando o discurso dos outros, ora empurrando os demais, ou insultando e ainda usando de argumentos ilógicos para justificar seus posicionamentos onde, se tratava de uma importante votação que, ia definir pelo o afastamento de um presidente e posteriormente todo o futuro de um país.

Seguem abaixo algumas justificativas citadas pelos parlamentares para legitimar o “SIM” ao impeachment:

“Pelo aniversário da minha neta”
 “Pelos fundamentos do cristianismo”
 “Pelos princípios que ensinei a minha filha”
 “Pelo Bruno e o Felipe”
 “Pelo meu neto Pedro”
 “Pelos maçons do Brasil”
 “Pelos produtores rurais, que se o produtor não plantar, não tem almoço nem janta”
 “Proposta de que criança troque de sexo na escola
 (...) Pelo fim do ensino de sexo para crianças de 6 anos”
 “Pelo fim da rentabilização de desocupados e vagabundos”
 “Pela Família Quadrangular”
 “Pelos idosos e pelas crianças”
 “Pelo fim da Vagabundização remunerada”
 “Pela Minha mãe nega Lucimar...”
 “Pela renovação carismática”
 “Pelos médicos brasileiros”
 “Pelo fim da CUT e seus marginais”
 “Pelo fim dos petroleiros, digo, do Petrolão”
 “Pelos progressistas da minha família, Maria Vitória”
 “Pela República de Curitiba”

“Em memória do meu pai”
 “Por causa de Campo Grande, a morena mais linda do Brasil”
 “Para me reencontrar com a história”
 “Pelo estatuto do desarmamento”
 “Pelo comunismo que assombra o país”
 “Pela nação evangélica”
 “Pelo povo destemido e pioneiro do estado de Rondônia”
 “Pelo resgate da auto estima do povo brasileiro”
 “Pela BR-429”
 “Pela minha esposa, pelo meu filho e minha filha”
 “Por Daiane, Mateus e Adriane”
 “Por todos os corretores de seguro”
 “Pela minha filha Manoela que vai nascer”
 “Pela minha mãe que está em casa com os seus 93 anos”
 “Pelo meu neto e bisneto”
 “Em homenagem ao aniversário da minha cidade”
 “Pela minha mãezinha”
 “Pela paz de Jerusalém”



Charge 6: Enunciados não-verbais
 Fonte: Jornal The New York Times (2016).

Charge publicada pelo Periódico mais importante e influente do mundo, o norte-americano The New York Times. Observamos um texto composto apenas por enunciados não verbais, onde temos a figura de uma mulher acuada em cima de um banco e abaixo dela uma ninhada de ratos. Sem nenhum enunciado verbal, ao observar esse texto e sua data de publicação dia 27/08/2016, compreendemos que trata do desfecho do processo de impeachment da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff e os ratos são os parlamentares que decidiram pelo seu afastamento do cargo da presidência. Como a charge anterior, esse texto faz alusão aos parlamentares como ratos por considerar o processo de impedimento da presidente ilegal e sem fundamento relatando a ridicularização internacional do Brasil diante do esse afastamento então, percebemos o ridículo dessa charge que, no caso é ridicularizar o Brasil por considerar o processo como um golpe.

Percebemos que o chargista exagera ao observar a comparação dos parlamentares com uma ninhada de ratos, seres irracionais e sujos. A polifonia nesse texto se configura dependendo do ponto de vista do leitor, pois, para o The New York Times, a ninhada de ratos “os parlamentares”, vão decidir pelo o afastamento de uma mulher honesta e eleita democraticamente onde, muitos deles respondem a processos, ou seja, para o jornal estaria se configurando nesse caso um golpe, porém, cada leitor dependendo do seu ponto de vista irá ter um posicionamento diferente em relação ao afastamento, o que significa que esse texto nos permite mais de uma interpretação e observamos a intertextualidade, pois, o

texto exige do leitor para ser compreendido conhecimento de mundo, nesse caso a cerca da situação política de um país.

Levando esses textos para a sala de aula, o aprendiz fará uso da tradução interlíngua para traduzi-los da língua fonte para a língua alvo e também da tradução inter-semiótica para traduzir os signos não verbais existentes nesses textos onde, a linguagem verbal se alia a linguagem não verbal para produzir o discurso elaborado e a tradução inter-lingual se aliará a tradução inter-semiótica para que se torne possível a interpretação desses textos.

CONCLUSÃO

Consciente de que ainda há muito a se avançar em relação ao ensino de LI, encontramos no gênero discursivo charge, através do LC, do EC e com o auxílio da tradução, meios de aproximar o aluno a língua alvo por se tratar de textos socio-discursivos, ou seja, que circulam na sociedade, polemizando acontecimentos inseridos na atualidade que o aprendiz está inserido, oportunizando aos seus aprendizes o contato com práticas sociais de leitura e escrita voltadas pra situações reais de comunicação e permitindo a interação entre os usuários da língua.

O LC nos faz perceber que existe uma grande necessidade de mudança no ensino de LI, principalmente nas metodologias de ensino dos educadores. Os gêneros do discurso constituem um vasto campo de estudos ao dispor dos educadores para tornar seus aprendizes sujeitos criticamente letrados, pois, são importantes ferramentas de ensino como práticas discursivas. Desse modo, o ensino crítico de línguas deve ser pautado em uma relação dialógica entre professor -texto-aluno despertando neles a sua criticidade.

Assim sendo, pode-se, neste trabalho, afirmar que, trabalhando em uma aula de LI, a tradução inter-semiótica auxiliará a inter-lingual por meio da análise que o aprendiz precisará fazer do gênero textual charge, levando-se em consideração que o aprendiz tanto precisará compreender os signos verbais (enunciados) quanto os não verbais (imagens) que estão contidos nesse tipo de texto.

Levando esses textos para a sala de aula, o aprendiz fará uso da tradução inter-lingual para traduzi-los da língua fonte para a língua alvo e também da tradução inter-semiótica para traduzir os enunciados não verbais existentes nesses textos onde, a linguagem verbal se alia a linguagem não verbal para produzir o discurso elaborado e a tradução inter-lingual se aliará a tradução inter-semiótica para que se torne possível a interpretação desses textos.

Um dos grandes desafios para o educador ao se trabalhar com LE, nesse caso a LI, é promover condições para que a aquisição da língua fonte ocorra de maneira satisfatória em favor do aprendiz, sendo assim, o educador precisa buscar uma formação continuada explorando meios que possam colaborar com suas metodologias de ensino fazendo uso tanto das teorias formais (sua formação

acadêmica), quanto das teorias informais (informações que contribuem com sua formação intelectual e decisões) afim de melhor conduzir o ensino de LI. Então fica para reflexão o fato de que, formar cidadãos criticamente letrados, autônomos, emancipados e empoderados é um grande desafio tanto para os educadores quanto para as escolas, porém, é um sonho (utopia) que se deve perseguir.

Assim, acredita-se que este trabalho monográfico contribui de forma qualitativa para a reflexão tanto a cerca do tipo de cidadão que, como educadores devemos formar quanto para as práticas de ensino que devemos expor aos nossos aprendizes apontando implicações pedagógicas com o uso do texto verbo-visual charge em sala de aula onde, percebemos que esse gênero discursivo desencadeia a motivação do aprendiz para a leitura, comunica ludicamente, desperta a atenção levando o aprendiz não só a refletir, mas, e principalmente refletir criticamente sobre seu mundo real, levando o aprendiz a descobrir visões de mundo complexas e sutis.

Finalizando, utilizando as palavras de Leu Jr et al. (2004, p.1) para afirmar que: “ler um livro nos modifica para sempre [...]. Ensinar um aluno a ler criticamente também é uma experiência transformadora. Abre janelas para o mundo e cria uma infinidade de oportunidades de participação e fortalecimento de sua Identidade como cidadão do mundo”.

REFERÊNCIAS

- ABREU e LIMA, D.M. **Um Modelo Macro-Organizacional de Formação Reflexiva de Professores de Língua(s)**: articulações entre a abordagem comunicativa através de Projetos e o desenvolvimento de Competências sob a temática das inteligências Múltiplas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas–UNICAMP, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Brasília-DF: MEC, 1998.
- CARVALHO, M. A. F. **Os gêneros do discurso e o texto escrito na sala de aula uma contribuição ao ensino**. UERJ/UNICAMP, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/os%20generos.html> > Acesso em: 20. Set. 2016.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1996.
- ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas - SP: Pontes, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- _____. **Education for Critical Consciousness**. New York: Continuum, 1990.
- HERMANS, T. Translation in systems: descriptive and system-oriented approaches explained. Manchester: John Benjamins; Shanghai: Shanghai Foreign. **Language Education Press**, 2004.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- KRISTEVA, J. Le mot, le dialogue et le roman. Shmewtikh. Recherches pour une sémanalyse (Extraits). Paris: Seuil, 1978.
- LEU, D. J., Jr. **Teaching with the Internet**: New literacies for new. times (4th ed.). Norwood, MA: Christopher-Gordon, 2004.
- MARCUSHI, L.; XAVIER, A.C.: (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. São Paulo: Cortez, 2008.
- OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Estrangeira Moderna**. Secretaria de Estado da Educação Básica do Paraná, Departamento de Educação Básica. Paraná, 2008.

PENNYCOOK, A. Introducing Critical Applied Linguistics. In: PENNYCOOK, **A. Critical applied linguistics: A critical introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

SILVEIRA, M.I.M. **Línguas Estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, método e técnicas de ensino**. Catavento. 3. ed. São Paulo: 1999.

TEIXEIRA, M. C. **O gênero jornalístico charge no letramento escolar**. Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. v. 12. n. 19. p. 89-107, 2010.

SITES CONSULTADOS

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/pdf>>. Acesso em 29. Set.2016.

<<http://brasilianismo.blogosfera.uol.com>> Acesso em: 30. Set. 2016.

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/43882/charge+do+latuff+imprensa+do+exterior+repercute+processo+de+impeachment+contra+dilma+rousseff.shtml>> Acesso em: 30. Set. 2016.

<<http://operamundi.uol.com.br/> > Acesso em: 30. Set. 2016.

<<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/252056/Jornal-The-New-York-Times-desmoraliza-o-golpe.htm>> acesso em: 12. Set. 2016.

<<http://veja.abril.com.br/mundo/protestos-no-brasil-inspiram-charge-na-imprensa-americana/>>.Acesso em: 24. Set. 2016.

<<http://brasilianismo.blogosfera.uol.com.br/tag/humor/> . Acesso em: 30. Set. 2016.

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/43882/charge+do+latuff+imprensa+do+exterior+repercute+processo+de+impeachment+contra+dilma+rousseff.shtml>> Acessado em 30/09/2016.

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias29+economist+lista+razoes+de+deputados+para+votar+contra+dilma.shtml> Acesso: em 30. Set. 2016.

<<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/252056/golpe.htm>> acesso em: 12. Set. 2016.